

UNICAMP



EVENTO: 29º Festival Música Nova

VEÍCULO: Diário do Povo (Campinas)

DATA: 17 de agosto de 1993

PÁGINA: 02

SEÇÃO: Arte/Lazer

2 — Arte/Lazer — Diário do Povo

Campinas, terça-feira, 17 de agosto de 1993

MÚSICA NOVA

Orquestra de alto-falantes encerra festival

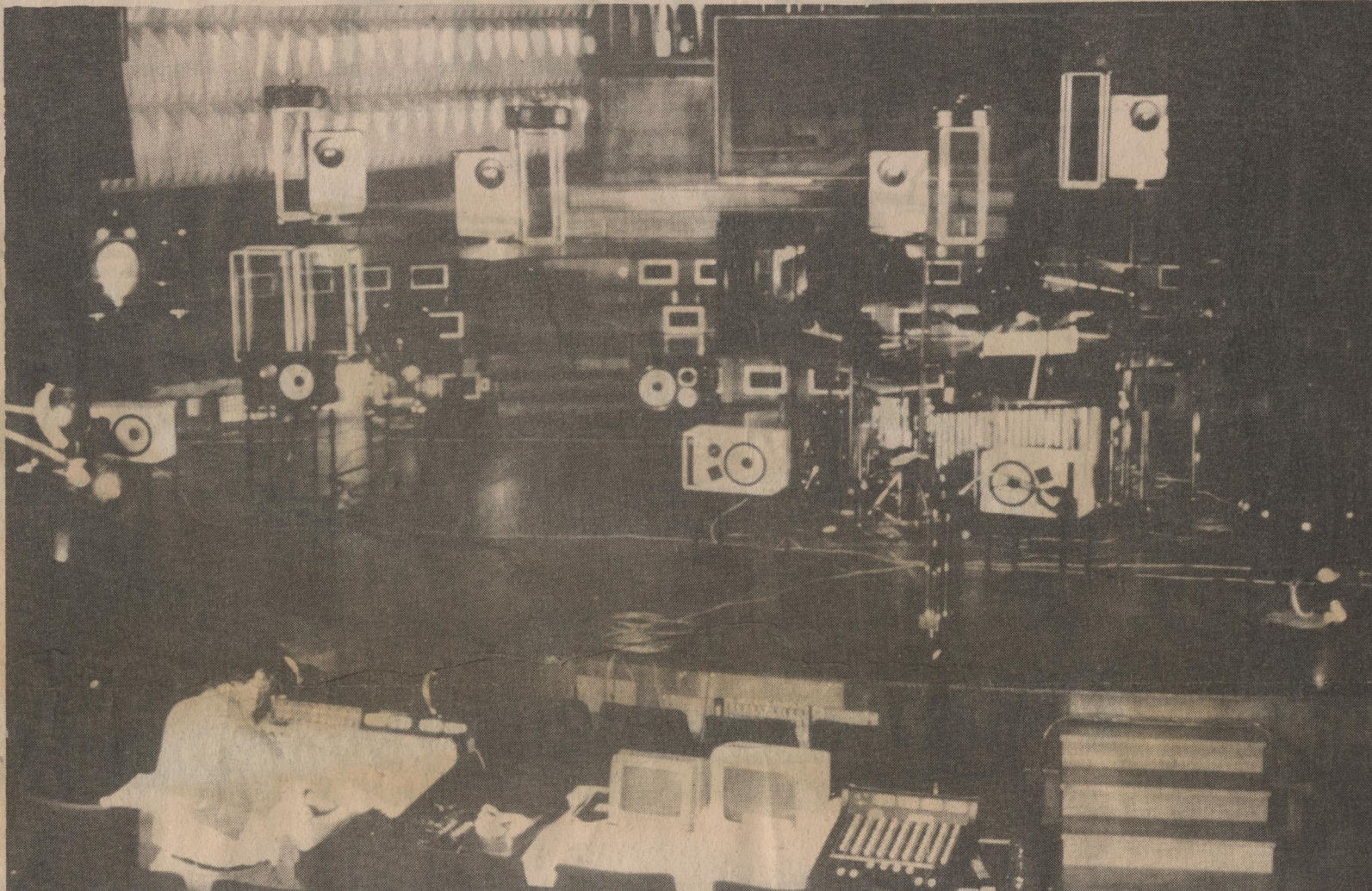
Os músicos François Bayle e Daniel Teruggi apresentam hoje, no Centro de Convivência, o universo da música “acusmática”

SUZAMARA SANTOS

François Bayle e Daniel Teruggi apresentam hoje no Centro de Convivência Cultural, às 21h, o universo da música “acusmática”. À frente de uma inédita “orquestra de alto-falantes”, os músicos franceses tentam traduzir em ruídos o que chamam de “uma intensa vida imaginária, o som do mundo, do futuro”. A apresentação, única e aberta ao público, encerra a edição campineira do 29º Festival de Música Nova.

“Podemos ter uma idéia do que vai acontecer hoje pensando no cinema. Um passeio por muito lugares utilizando o som, a luz, rupturas abruptas e imagens sintetizadas”, compara Bayle, atual diretor do Groupe de Recherches Musicales (IRM) e do Institut National de L’Audio-Visuel (INA), da França. “O paralelo com o cinema é claro, já que usamos a energia e os recursos de comunicação disponíveis, que nos permitem recriar sons de uma floresta africana, uma estação de trem, uma conversa no metrô de Nova York, um fragmento de uma narração de futebol no rádio e um som sintetizado que nunca existiu e que foi inventado pelo compositor”, prossegue Bayle.

Ainda distante do grande público, a música contemporânea, ou a que se convencionou ser chamada de “música nova”, é vista pelo compositor como uma expressão estética própria do século XX. “É pro-



Os efeitos acústicos da orquestra de alto-falantes podem ser conferidos hoje à noite no Centro de Convivência

duto de uma ruptura provocada pelos meios de comunicação e de locomoção. A música clássica é contemporânea do cavalo e da luz de vela. Frequentemente ouve-se nesta música o ritmo do andar do cavalo. São ritmos arquétipos que dependem dos meios que empregam. Estamos na era das comunicações, do automô-

vel, da televisão, da eletricidade, enfim, da alta tecnologia e da baixa cultura. Estamos na estaca zero”, argumenta.

Dentro deste pensamento, Bayle conclui que a música instrumental já acabou. “Evidentemente muitos compositores vão continuar a criar música instrumental, mas isso será

através de uma profunda nostalgia. Será como apreciar uma catedral antiga, que simboliza a cultura de um período específico”. Embora a idéia pareça um tanto radical, Bayle reconhece na música popular os expoentes deste século. “Penso que o maior compositor do século XX é Miles Davis. Seguramente, ele é supe-

rior a Stockhausen. Penso ainda que Duke Ellington foi pelo menos igual a Ravel”. E emenda: “Os músicos ‘sérios’ de hoje deviam olhar seriamente para a música popular”.

Quanto a distância que separa a música contemporânea e dos apreciadores, Bayle não acredita numa provável mu-

dança. “A música contemporânea não pode se tornar popular. É a última gota de uma esponja espremida. É uma música plena de índices de esgotamento. O primeiro contato desta música com um público mais largo se dá através da ‘Sinfonia Para Um Homem Só’, composta por Pierre Schaeffer para a coreografia de estréia de Maurice Béjard, em 1950. A música teve alguma aceitação e se não fosse por ela, o bailarino não teria iniciado sua carreira”.

Sobre a música nova brasileira, Bayle diz conhecer bem os compositores que passaram pelo GRM, como Augusto Manniz, Raul do Valle e Jorge Antunes. “O que eles fazem é uma música sem fronteiras, universal. Acredito que o brasileiro tem uma grande vantagem sobre os franceses, por possuir uma música popular forte. Na França a música popular se dissipou, pois trata-se de um país muito velho. Só sobrou a música culta”, comenta. Este é um dos motivos, diz ele, que levaram o jazz, a bossa nova e o samba a invadirem a Europa e o mundo.

FICHA TÉCNICA

Festival de Música Nova — François Bayle e Daniel Teruggi, com Orquestra de Alto Falantes. Centro de Convivência Cultural, praça da Imprensa Fluminense, s/n, Cambuí, tel: 52-5857, 21h. Entrada franca.